

# A ARGUMENTAÇÃO E A PAIXÃO NO DISCURSO DO DEPUTADO MARCO FELICIANO

p. 45 - 52

Guilherme Beraldo de Andrade <sup>1</sup>

Tatiana Barbosa de Sousa <sup>2</sup>

Débora Raquel Hettwer Massmann<sup>3</sup>

## Resumo

O presente trabalho pretende analisar a estrutura retórica e argumentativa do discurso de um líder religioso enquanto também ocupante de um cargo político eleitoral. Em um regime democrático laico, fundamentado em sufrágios universais pontuais, lideranças das mais diversas religiões e crenças vêm alcançando o cargo público de deputado federal no Brasil em função da votação expressiva de seus fiéis e seguidores. A compreensão desse fenômeno contemporâneo brasileiro qualifica a análise da atuação das lideranças religiosas na expressão de seus discursos. O corpus deste trabalho é constituído pelo discurso do deputado e pastor Marco Feliciano em sua participação no Programa (on-line) “Poder e Política”, projeto do portal UOL e do jornal Folha de São Paulo. Nessa entrevista o deputado trata de temas polêmicos com os quais a sua figura passou a ser associada, como a homofobia e o racismo, amparando suas afirmações em textos bíblicos e religiosos. A análise da argumentação por ele utilizada possibilita o estudo da eficácia persuasiva do discurso frente aos auditórios particular e universal. O texto foi interpretado considerando-se a linha de pesquisa da Argumentação e Retórica, suportada nos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (1994), Aristóteles (2005) e Reboul (2000) que determinam a questão do aspecto argumentativo apresentado em sua construção. De igual forma, foram observados os conceitos das paixões na linha proposta por Greimas e Fontanille (1993) a fim de aproximar os estudos semióticos aos da retórica. Através de uma revisão bibliográfica identificamos que os posicionamentos do orador não se definem tecnicamente, atribuindo-lhe um ethos de representação, quase um personagem, ou, em outras palavras, um ícone pop. Não interessa mais o mérito da resposta, mas sim a evidência do orador em função da mesma. Se auto proclamar conhecido por suas posições determina a formalização de um ethos controverso e a predominância da paixão da vaidade.

**Palavras-chave:** religião; política; retórica; paixões; semiótica

## Abstract

This research intends to reveal and discuss the rhetorical-argumentative structures of the speech of a religious leader while also an elective political place occupant. In a democratic laic system, founded in punctual universal aspects, leaders of many different religions and beliefs have been reaching the public place of Brazilian federal legislative due to the expressive votes and their faithful followers. The comprehension of this contemporaneous Brazilian happening qualifies the analysis of the religious leaders' performances in the expression of their speech. The corpus of this study is constituted by the speech of the politician and minister Marco Feliciano in his participation on the online program “Poder and Política”, a project held by UOL website and Folha de São Paulo newspaper. In this interview, the politician

1 Mestre em Linguística pela Universidade de Franca/SP, Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí/MG

2- Mestre em Linguística pela Universidade de Franca/SP, Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí/MG

3- Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), Mestrado em Letras pela mesma instituição (2005), Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2009) e Pós-Doutorado em Semântica pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (2014).

treats about polemical themes which his character has been associated with, such as homophobia and racism, taking as a basis to his statements biblical and religious texts. The understanding of the argumentative structures used by him makes it possible the study of the persuasive efficacy of his discourse facing the private and universal audience. The text was analyzed considering the principles of Argumentation and Rhetoric, supported on the studies of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Meyer (1994), Aristotle (2005) and Rebooul (2000) who determine the argumentative aspect question presented in its construction. After a bibliographical review it was intended to determine the argumentative structures and coherence produced by the speaker in his speech. It was also observed the passion concepts presented by Greimas and Fontanille (1993) so that an approximation of the semiotics and rhetorical studies can be made. Through a bibliographical review, it was identified that the positions of the speaker are not technically defined, giving him a representative ethos, almost a character, or, in other words, a celebrity. It seems that it far more important to the speaker to get the evidence of his own person than the full convincement of the audience, not being properly relevant the merit of the answer. Considering himself as known for his beliefs determines the formalization of a controverted ethos and the relevance of the passion of vanity.

**Keywords:** Discourse of Risk. Media. Verb-visual.

## Introdução

Falamos em retórica quando, através de um discurso direcionado, buscamos o convencimento do outro. Logicamente tal concepção nos remete à existência de discursos não persuasivos, aqueles que não buscam que o outro creia ou venha a crer em algo específico.

Meyer (1998, p. 17) define a retórica como: “a arte de bem falar, de mostrar a eloquência diante de um público para ganhá-lo para a sua causa. Isso vai da persuasão à vontade de agradar: tudo depende precisamente da causa”.

Mais precisamente, estabelece Rebooul:

A lei fundamental da retórica é que o orador – aquele que fala ou escreve para convencer – nunca está sozinho, exprime-se sempre em concordância com outros oradores ou em oposição a eles [...] Para ser bom orador, não basta saber falar; é preciso saber também a quem se está falando, compreender o discurso do outro, seja esse discurso manifesto ou latente, detectar suas ciladas, sopesar a força de seus argumentos e sobretudo captar o não dito (REBOUL, 2000, p. XIX).

A respeito das definições de persuasão e convencimento, Perelman (2004) destaca ser a primeira através de meios irracionais, ao passo que a segunda através de meios concebidos como racionais. Mais ainda, o autor destaca que persuadir vem a ser mais que convencer, na medida que acrescenta a força necessária para a prática de uma ação. Convencer seria tão somente a primeira fase. Em definitivo, apresenta-nos Abreu:

Argumentar é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando [...] Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro (ABREU, 2009, p. 25).

O corpus de nossa análise é a transcrição da entrevista concedida pelo deputado e pastor evangélico Marco Feliciano ao Programa (on-line) “Poder e Política” do portal UOL e da Folha de São Paulo, conduzida, na ocasião, pelo jornalista Fernando Rodrigues.

As grandes transformações da sociedade atual acabam impactando a forma de realização de um discurso, na medida em que este passa não só a refletir as crenças do orador, mas, também, outros interesses e significados pretendidos. Parece-nos interessante promover um estudo quanto ao tema, já que em um regime democrático laico, fundamentado em sufrágios universais pontuais, lideranças das mais diversas religiões e crenças vêm alcançando o cargo público de deputado federal em função de votação expressiva de fiéis e seguidores. A compreensão da argumentação utilizada em tais discursos possibilitará o

estudo da eficácia persuasiva dos mesmos frente ao auditório particular e/ou universal.

A entrevista concedida exterioriza nuances argumentativas merecedoras de compreensão e identificação, justificando a aplicação da Retórica para a análise do texto, tendo em vista que essa é capaz de descobrir os meios de persuasão relacionados a qualquer assunto, consoante Aristóteles (2005, p. 22). Também, a argumentação utilizada ressalta no orador paixões merecedoras de análise na linha vertente da semiótica greimasiana, o que deve ser estudado no processo de convencimento.

Como hipótese principal, analisaremos a receptividade do discurso proferido pelo deputado no contexto do auditório universal. Noutro aspecto, analisaremos o ethos do orador e como as paixões presentes no seu discurso afetam a manipulação.

O discurso selecionado direcionou o arcabouço teórico escolhido para a pesquisa, privilegiando o estudo da manipulação da linguagem por parte do orador mediante o auditório, a fim de lhe agregar significância, real sentido e adesão.

## **Descrição e análise do corpus**

O trabalho analisa uma entrevista concedida pelo Deputado Marco Feliciano quando de uma sabatina ao Jornal Folha de São Paulo. O corpus selecionado estampa a transcrição de uma entrevista oral a uma pessoa/público, caracterizado como universal frente ao meio de veiculação (Web), com um conteúdo temático e estilo estáveis.

Em sua trajetória política o orador foi presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados Federais do Brasil no ano de 2013, o que lhe rendeu inúmeras críticas face as suas declarações, no mínimo polêmicas, quanto aos temas homossexualismo e aborto.

Tais declarações podem ser encontradas em vastidão junto à internet, principalmente em vídeos

de suas inúmeras pregações/discursos, o que suporta o contexto nos quais foram pronunciados e, principalmente, o auditório em tais ocasiões.

Estes fatos desencadearam reações de variados grupos defensores dos direitos das minorias, bem como inúmeras manifestações públicas através de passeatas em várias cidades do país, todos contrários à permanência do deputado na presidência da CDHM. Desde artistas consagrados até políticos de renome passaram a apoiar abertamente sua renúncia; contudo o deputado manteve-se no cargo até o final de sua gestão, mesmo frente a tamanha pressão ocorrida.

Vale lembrar que a entrevista analisada foi gravada no dia 1º de abril do ano de 2013 no estúdio do Grupo Folha em Brasília/DF, ocasião esta em que o orador ainda estava na Presidência da CDHM da Câmara dos Deputados Federais. À época a imagem do entrevistado já se fazia caricaturada e combatida na sociedade, demandando protestos ferrenhos dos defensores das minorias, principalmente do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), indignados com as opiniões e posições defendidas pelo deputado em pregações diversas e na própria CDHM. Tamanha indignação alcançou a mídia por completo, angariando apoio de artistas e gerando até mesmo um debate político junto à Presidência da República acerca de sua manutenção ou não no cargo ocupado.

## **Arcabouço Teórico**

Num estudo linguístico destacado, muito se discute acerca da manipulação consequente e direcionada da linguagem na medida de sua apresentação, o que lhe agrega significância e real sentido. O desejo de entender as razões que levam a conclusões interpretativas nos conduz a uma questão relevante, capaz de se configurar como marco inicial para questionamento de tal

amplitude. Em outras palavras, qualquer texto possui elementos manipuladores desconhecidos pelo auditório em geral, capazes de serem exteriorizados pelo pesquisador somente através da análise de suas condições textuais de produção.

Neste contexto é que se impõe a Retórica e Argumentação.

Tendo Aristóteles no seu berço, a ciência retórica, em seus primórdios, analisava os discursos orais, devido a inexistência (ou pouca existência) dos discursos escritos. A retórica gozou prestígio até o fim do século XVI, quando veio a cair em extremo desuso. Dentre seus críticos notabilizou-se Descartes, o qual propunha a inexistência de qualquer desacordo em um discurso passível de argumentação, prevalecendo a regra cartesiana. Essa, após sua quase extinção, alcançou nova vida na década de 1950 quando da publicação do Tratado da Argumentação por Chaïm Perelman & Lucie Olbrechts-Tyteca, obra essa já tida como clássica do pensamento contemporâneo tal qual a aristotélica. Nesse estágio, alcançou-se o que agora chamamos de “nova retórica”.

No processo de convencimento destaca-se o chamado auditório, que vem a ser “o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir” (ABREU, 2009, p. 41). Fica a seu encargo a recepção ou não da argumentação do orador. É, pois, a quem se orienta todo o discurso. Ao auditório “cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 27).

O orador deve sempre promover os esforços necessários para adequar seu discurso ao auditório a que se dirige, sob pena da não efetivação da persuasão. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 26-27) destacam que “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a

quem ele se dirige”. Isto é, deve-se conhecer prévia e adequadamente o auditório para se levar a efeito uma boa argumentação, principalmente os valores que por ele são aceitos e comungados.

Na singularidade de cada grupo espelha-se um auditório particular, isto é, definido consoante elementos que o fazem homogêneo e específico (mesmo que sejam poucas pessoas ou até mesmo uma multidão). Em tal situação, a articulação argumentativa fica favorecida na percepção dos valores do auditório, o que favorece o discurso persuasivo direcionado.

Contudo há a pretensão do auditório dito universal; aquele que albergaria todas as especializações. Nesse haveria um auditório não particular, sem paixões próprias e sem preconceitos. Para Reboul (2000, p.93), seria um ideal argumentativo. Partindo-se de sua potencial concretização, o orador “sabe que está tratando com um auditório particular, mas faz um discurso que tenta superá-lo, dirigido a outros auditórios possíveis que estão além dele”. O auditório universal alberga todos, sendo paradigma para a o julgamento de uma argumentação.

A contribuição fundamental perelmaniana reside no estudo detalhado das técnicas utilizadas para o convencimento, isto é, os “recursos discursivos para se obter a adesão dos espíritos: apenas a técnica que utiliza a linguagem para persuadir e para convencer” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 8).

Mas, por que dizer “nova retórica”? Ao buscar a fundamentação do valor em si (como por exemplo: o que é justo e o que não é justo), Perelman e Olbrechts-Tyteca expõem uma lógica calcada na antiga retórica aristotélica, a que chamam argumentação. De certa forma, novamente são destacadas as três esferas do raciocínio trazidas por Aristóteles na Antiguidade: o analítico, o dialético e o sofístico.

Quanto à dualidade retórica x dialética,

convém lembrar que Aristóteles as coloca em um único plano, sendo uma a contrapartida da outra, na medida em que ambas têm em comum o fato de conseguirem provar ou não uma tese, serem universais, poderem ser ensinadas (existe a técnica), distinguirem o verdadeiro e o aparente e, por fim, utilizarem dois tipos idênticos de argumentação: a indução e a dedução.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 3), Descartes quis trazer a evidência como característica maior da razão, sendo racional somente algo demonstrado através das ciências naturais, o que lhe suscita o questionamento original quanto a ser a razão totalmente incompetente nos campos que escapam ao cálculo e de que, onde nem a experiência, nem a dedução lógica, possam fornecer a solução de um problema, o que nos sucumbiria aos instintos e sugestões.

Isto implicaria que a argumentação não teria respaldo senão quando passível de prova, de forma que o estudo da técnica de argumentação seria a análise das técnicas discursivas para convencimento/adesão de um auditório. A argumentação, pois, viria a ser construída em função deste último, como sempre defendido por Aristóteles.

Em resumo, Plantin (2008) define que a argumentação está vinculada à arte de pensar corretamente; a retórica à arte de bem falar e a dialética à arte de bem dialogar, o que fundamenta o raciocínio original aristotélico e, por consequência, a nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

Já os estudos das paixões, no campo da semiótica, passaram a ser sistematizados nos anos 80, voltando-se para a observação dos estados de alma dos sujeitos. A semiótica, então, deixa de ser um estudo focado unicamente nos estados de coisas em que o sujeito pode ser levado, por meio da transformação de estados, à aquisição

ou à perda de um determinado objeto-valor, e passa a dar relevância aos estados de alma.

O semioticista francês, Denis Bertrand (2003, p. 360), ao refletir sobre as paixões, avalia que a semiótica das paixões teve origem devido à lacuna deixada pela teoria semiótica geral que não tratava dos sentimentos e emoções que ocupavam os discursos. De acordo com o autor, o novo estudo refere-se à consideração dos efeitos de sentido da paixão inscritos e codificados na linguagem.

Para Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille (1993, p. 13) a sensibilização passional do discurso e a modalização da narrativa ocorrem de maneira concomitante. Os autores afirmam que uma não pode ser compreendida sem a outra, apesar de autônomas. Eles afirmam: “é pela mediação do corpo que percebe que o mundo se transforma em sentido – em língua –, que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 13).

A partir do estudo da dimensão patêmica do discurso, relaciona-se, portanto, ao estudo das dimensões pragmática e cognitiva, as modificações sofridas pelos estados do sujeito, seus estados de alma.

Em relação à dimensão passional, a lógica é de caráter tensivo, uma lógica “da presença e das tensões que ela impõe ao corpo sensível do actante” (FONTANILLE, 2012, p. 188).

Bertrand (2003) considera que a dimensão passional passa a ser observada mais de perto a partir do momento em que a necessidade de se analisar os estados de alma dos atores é constatada.

Fontanille destaca que o discurso passional, segue um programa, apenas se altamente estereotipado, e que, por isso, a apreensão da experiência do sensível pelo discurso se dá no momento em que ela



é estabelecida, e não retrospectivamente.

No Prefácio em Retóricas das Paixões, Meyer afirma que:

A paixão é um estado de alma, móvel e reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como essa se exprime na relação incessante com outrem. [...] a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos [...] (MEYER, 2000, p. xxxix).

Com isso, podemos destacar que para o linguista a paixão é de caráter iterativo e pode ser considerada concomitantemente como uma maneira de ser e uma resposta à maneira de ser no (que se refere à adequação ao outro). Ainda que diferente da teoria semiótica em seu fundamento, encontramos aqui a paixão como resultado de uma interação. Ou seja, uma ação mútua entre os seres interactantes, que consideraremos aqui uma via de mão dupla na relação do eu com o outro.

Ao pensarmos em paixão como interação apreendemos a presença da influência provinda tanto do orador quanto do ouvinte no campo retórico e, do sujeito e do objeto no campo semiótico. Portanto, a apreensão do outro é a interação com ele e o estabelecimento de um vínculo em que existe um sujeito que age sobre ele, que é notado (o objeto), ao mesmo tempo em que é afetado por sua ação, reagindo sensivelmente a tal objeto e ao valor por ele representado.

A característica passional do discurso aparece com a apreensão de valores e seu caráter persuasivo que está diretamente relacionado ao à maneira em que é apresentado (ao sujeito/auditório). Sendo assim, a importância maior não se recai sobre o que é dito, e sim a maneira como é dito além da forma como o valor chega ao campo do conhecimento do sujeito, que é o que impõe, em maior ou menor grau, determinada paixão.

## Resultados

A análise empreendida demonstra que o deputado Marco Feliciano apresenta um ethos de um orador muitas das vezes arrogante. Ao constituir sua imagem demonstra certa prepotência que acaba impossibilitando a adesão às suas colocações, levando-se em conta a teoria problematológica e das paixões de Meyer.

Nota-se que em várias oportunidades o orador não responde efetivamente aos questionamentos que lhe foram apresentados. Busca, consoante a gama de apontamentos possíveis, apresentar suas respostas como novos questionamentos, o que delimita uma manipulação direcionada com uma resposta sem vinculação ao problema. Ao invés de encerrar quaisquer dúvidas, suscita a desconfiança do auditório tendo em vista respostas vagas e não precisas.

Como nos lembra Amossy (2013, p. 107), “a atividade simbólica dos sujeitos tem por função reconstituir de modo constante a realidade do eu, oferecendo-a aos outros para ratificação”. O orador influencia opiniões que, em determinada circunstância, transformam-se em atos. Contudo, tais características não alcançam o orador do corpus em análise.

A dicotomia da posição de Marco Feliciano é posta em evidência, o que nos remete à impossibilidade de separação do ethos discursivo da posição institucional do orador. A posição de pastor e/ou deputado são suficientes para a representação estereotipada, o que reforça suas colocações quanto a ser conhecido publicamente. Trata-se do ponto principal traduzido do seu ethos empregado. Afinal, Marco Feliciano é um deputado ou um pastor para o auditório? Que imagem e papel o público lhe atribui? Cremos que nenhum dos dois.

Marco Feliciano ampara a entrevista com argumentos de ordem religiosa e de

ordem política, conferindo-os ao auditório na medida de sua conveniência (resposta posta ao problema). Seus posicionamentos não se definem tecnicamente, atribuindo-lhe um ethos de representação. Logicamente busca a adesão as suas teses, porém lhe importa mais a evidência do que o convencimento pleno do auditório.

Cai por terra a busca dos argumentos de ordem religiosa e os de ordem política. O que importa é o destaque e a manchete. Como destaca Meyer “a magia, a superstição, o irracionalismo religioso são próprios de períodos agitados, em que velhas respostas dão lugar a associações mais fáceis, à guisa de respostas” (MEYER, 2007, p. 94-95)

Inequivocamente convence parte dos ouvintes, contudo a análise retórica lhe crava o insucesso quanto às respostas, que, pelas técnicas argumentativas empregadas, refletem um orador carente de autenticidade.

Tendo a semiótica como caminho para as considerações discursivas das paixões, nas formulações utilizadas pelo orador a fim de causar um sentido retórico no auditório, constata-se que Marco Feliciano não alcança o efeito argumentativo almejado, na medida em que não formula um intercâmbio de interação com seus ouvintes.

A construção da imagem do orador através dos questionamentos às questões levantadas no discurso, traduz um ethos conturbado e sem maior destaque ao convencimento do auditório. Por certo, como outrora dito: “o eu é sempre retórico na sociedade: ele se apresenta representando-se” (MEYER, 2007, p. 95).

## Referências:

ABREU, Antônio S. **A arte de argumentar—gerenciando Razão e Emoção**. 13. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ARISTÓTELES, **Retórica**. Revisão Levi Condinho, 2 ed. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Tradução do Grupo Casa. Bauru: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisa aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

MEYER, M. A **Retórica**. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000

\_\_\_\_\_. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Revisão Alberto Gomes e Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1998.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **A Argumentação: histórias, teorias, perspectivas**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução

---

3 Sobre esse aspecto, cf. Silva e Silveira, 2014.

Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: Martins  
Fontes, 2000.

Recebido: 10/12/2015

Aceite: 23/12/2015